

2. Dez dias movidos
pela Fé

4. Entrevista ao Mestre de Avis
aka (also known as) D. João I



Olá!

Venho da escola mais *in* do norte da nossa bela ilha e aceitei o convite, que agradeço, para ser o editor desta edição do Suplemento 'Ponto e Vírgula'. Foi deveras uma boa surpresa e um desafio que aceitei com entusiasmo. Não é todos os dias que nos calha tal sorte. Quanto à presente edição, está particularmente interessante e acredito que vale a pena ser lida do início ao fim. Em bom madeirense, está uma edição mesmo "apurada".

Gostaria de destacar dois artigos em especial. O primeiro aborda o facto de um grupo de jovens da APEL ter realizado uma peregrinação a Roma, no âmbito do Jubileu dos Jovens. O texto é do Mateus Gouveia e, como referé, "regressam mais fortalecidos". Tiveram oportunidade de estar com o Papa Leão XIV – imagino que tenha sido um daqueles momentos que permanecem para a vida inteira, independentemente de cada um ser mais ou menos ligado à religião.

O segundo artigo apresenta uma sátira, em forma de entrevista, em que o Francisco Rodrigo, da EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva, coloca questões ao rei D. João I, o Mestre de Avis, que nunca chegou a conhecer o Wi-Fi. É curioso pensar nisso, porque hoje vivemos constantemente ligados à Internet e às notícias que surgem por todo o lado... e, no seu tempo, as histórias e as chamadas *fake news* eram bastante diferentes e circulavam de outra forma.

Naturalmente, todos os textos têm o seu mérito e relevância, mas estes dois, para mim, sobressaem um pouco mais.

Para concluir, deixo apenas uma mensagem simples: ler faz falta. Mesmo. Não serve apenas para a escola ou para o trabalho; ajuda-nos a pensar melhor, a compreender o mundo e até a cuidar da nossa mente. *E, sinceramente, ler pode ser muito mais "fixe" do que parece.*

***Boa leitura e espero que apreciem esta edição! ■**



AFONSO PEREIRA

> EBS/PE/C Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

R / 2

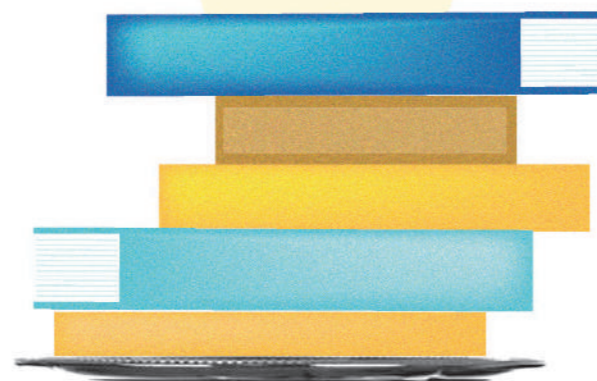
O LUXO ESQUECIDO DE Ler

PONTO DE VISTA

Em pleno século XXI, é irónico perceber que, apesar do acesso quase ilimitado à informação, muitos jovens se afastam dos livros. A leitura, aquela experiência que nos obriga a refletir, imaginar e questionar, tornou-se secundária diante de ecrãs que prometem distração imediata. Rolam-se páginas digitais, mas raramente se mergulha na densidade de ideias que só um bom livro pode oferecer.

Esse distanciamento não é apenas cultural: é cognitivo. Ler desenvolve a mente, estimula a análise crítica, a empatia e a criatividade. Um jovem sem contacto com livros perde oportunidades de construir pensamento independente e de compreender o mundo com profundidade. E, ironicamente, ter acesso a livros e a uma educação sólida continua a ser um privilégio. Nem todos têm bibliotecas, professores inspiradores ou tempo dedicado à reflexão — e isso marca diferenças enormes.

O digital aproxima, mas também dispersa. A leitura profunda exige calma e dedicação, dois bens cada vez mais escassos. Perder o hábito de ler é perder a chance de expandir horizontes, de imaginar realidades diversas e de aprender a pensar por si mesmo.



Talvez devêssemos recordar que os livros são mais do que objetos: são pontes para o pensamento, portas para mundos invisíveis e ferramentas de liberdade intelectual. **Valorizar a leitura é reconhecer que o verdadeiro privilégio não está apenas em possuir livros, mas em permitir-se lê-los, compreender e deixar que transformem a nossa forma de ver o mundo.**

Clara Lopes
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)



DEZ DIAS MOVIDOS PELA FÉ

A viagem dos jovens madeirenses ao Jubileu dos Jovens, em Roma, ficou marcada pela superação logo na partida. O voo inicial foi cancelado e o grupo teve de se dividir entre ligações por Madrid e por Lisboa. Apesar do caos, o bom humor manteve-se, repetindo-se a frase que se tornou lema da peregrinação: «peregrino não reclama... peregrino agradece».

Depois de chegarem a Roma no dia 27 de julho, cansados mas entusiasmados, os dias seguintes foram vividos com intensidade. No dia 28, o grupo participou na missa na Praça de São Pedro, rodeado por milhares de jovens vindos de todo o mundo. O momento mais marcante ocorreu quando o Papa Leão XIV se ajoelhou e a enorme multidão mergulhou num silêncio absoluto, criando um ambiente de profunda comunhão.

Entre 29 de julho e 1 de agosto, seguiram-se visitas a monumentos, trocas culturais e conversas espontâneas com jovens de outros países, que rapidamente se transformaram em amizades. A 31 de julho, a peregrinação ganhou um tom mais interior com a visita ao túmulo do Papa Francisco e à Casa

de Acolhimento de Madre Teresa de Calcutá, espaços simples mas de grande impacto espiritual.

Houve também espaço para alegria: cânticos improvisados nas ruas, gargalhadas durante as longas caminhadas e jantares animados entre amigos. A fé manifestou-se tanto nas celebrações como nos momentos de companheirismo.



No dia 2 de agosto, uma das participantes celebrou o aniversário de forma única: em Roma, durante um Jubileu e rodeada de amigos. Nesse mesmo dia, o grupo percorreu 5 km até Tor Vergata para participar na vigília com o Papa. À chegada, encontraram uma multidão impressionante, unida pela esperança e pela juventude. A noite foi passada ao relento, privilegiando a convivência com jovens de dezenas de países.

A peregrinação seguiu para Assis a 4 de agosto, onde os participantes visitaram os lugares de São Francisco e de Carlo Acutis. Foi o encerramento ideal de dias intensos, em que finalmente puderam descansar «como nunca desde que chegámos a Itália».

O regresso à Madeira aconteceu a 5 de agosto, com os pés cansados mas o coração cheio. Os jovens destacaram a dedicação do Padre Juan que acompanhou uma das alunas da APEL, do Padre Andrés Rafael Catanho, da catequista Maria José Barreto e de todos os voluntários e pais que tornaram tudo possível.

Para muitos, esta viagem foi uma continuação da experiência vivida nas Jornadas Mundiais da Juventude em Lisboa. Agora, regressam mais fortalecidos e já com os olhos postos no próximo grande destino: as Jornadas Mundiais da Juventude na Coreia do Sul, em 2027. ■

Mateus Gouveia
Escola da APEL (Funchal)

APANHA a FAKE

FAKE NEWS
AURICULARES BLUETOOTH SÃO PREJUDICIAIS À SAÚDE?

Ultimamente, têm circulado vídeos no TikTok e Instagram a dizer que os auriculares Bluetooth, como os AirPods, fazem mal à saúde porque «têm radiação perigosa» ou «podem causar cancro». Na verdade, isto é completamente falso. O medo está ligado à palavra «radiação», que é o que mais assusta, mas o Bluetooth usa radiação não-ionizante, que não danifica o ADN nem provoca doenças. É o mesmo tipo de radiação utilizada no Wi-Fi, comandos da televisão ou até brinquedos eletrónicos. Além disso, a potência dos auriculares é muito baixa, entre 1 e 10 *mili-watts*, menor que um telemóvel, um *router* ou até uma lâmpada LED. Milhões de pessoas usam auriculares *wireless* há mais de quinze anos e não há qualquer evidência de risco. Organizações como a OMS, a União Europeia e a FCC confirmam que o Bluetooth é seguro, a partir de estudos. A *fake news* espalha-se porque assusta e aproveita-se pelo facto de os auriculares estarem junto à cabeça. Na realidade, o maior perigo destes dispositivos é por vezes causar distração na execução das tarefas diárias. ■

Raquel Santos e Carlota Góis
EBS/PE/C D.ª Lucinda Andrade
(São Vicente)





A DOR

A imagem retrata as situações na vida que levam à queda no abismo da dor e do desespero até que surge a possibilidade da esperança e da superação através do outro.

Sofia Bôto Sousa
EBS/PE/C do Porto Moniz

NO CENTRO DAS ATENÇÕES

R / 4

ENTREVISTA AO MESTRE DE AVIS A

► Entrevistador (Ent): Boa tarde, Mestre de Avis! É uma honra falar com alguém que fundou uma das casas mais nobres de Portugal. Como se sente ao ver o mundo de hoje?

Mestre de Avis (MA): Boa tarde, meu caro! Antes de mais, agradeço o convite para esta conversa... ou devo dizer invocação, visto que fui arrancado do descanso eterno por esta vossa engenhoca chamada "Zoom"? Em relação ao mundo atual, confesso-me confuso. Passo o dia tentando entender o que é um tal de "Wi-Fi".

Já procurei nos mapas, nas crónicas e até perguntei a um frade, mas ninguém soube me indicar. Parece que o mundo de hoje ganhou mais terras, só que invisíveis!

► Ent (rindo): Não é um lugar, mestre. É tecnologia sem fios.

MA: Ah! Então é bruxaria moderna. No meu tempo, quem falava com alguém sem fios acabava a arder na praça pública. Agora percebo por que dizem que os tempos mudaram: hoje a fogueira é as redes sociais!

► Ent (sorri): Excelente observação! E o que acha da política atual?

MA: Ora, parece-me que pouco mudou. Antigamente tínhamos cortes e conselhos; agora há parlamentos e assembleias. A diferença é que, antes, as intrigas eram sussurradas nos corredores, agora são publicadas no Twitter, ou X, como lhe chamam. Mudaram os tronos por grupos de cadeiras e os cavaleiros por "influencers" e candidatos do Only Fans. A corte continua ruidosa, mas, apenas mais iluminada por ecrãs.

► Ent: O senhor sempre foi um estrategista. Como resolveria os problemas do país hoje?

MA: Fácil. Reunia o conselho, decretava silêncio absoluto nas redes sociais e mandava todo o reino plantar batatas. Assim, num só dia, resolvia a fome e as tais "fake news", ambas seriam extintas como os dinossauros. E se alguém reclamasse, dava-lhe uma enxada e um *podcast* sobre agricultura sustentável.

► Ent (rindo): E sobre o amor, mestre? Acha que o romance mudou muito desde a Idade Média?

MA: Ora, no meu tempo bastava um olhar trocado e uma serenata

PODENGO DO PORTO SANTO UM TESOURO DE QUATRO PATAS

A escola Francisco de Freitas Branco, no Porto Santo, foi palco de uma iniciativa especial focada na preservação do património local. Em parceria com a Casa do Povo de Nossa Senhora da Piedade e com os alunos do Curso Profissional Técnico de Turismo Ambiental e Rural (1.º e 2.º anos), a escola organizou uma exposição sobre o canídeo Podengo do Porto Santo, tendo como principal lema: «NÓS APOIAMOS ESTA CAUSA!»

O propósito desta iniciativa passou por divulgar e reunir apoio para que o Podengo local seja reconhecido como a primeira raça canina autóctone do Arquipélago da Madeira.

A exposição, que decorreu na última semana de outubro dentro do espaço escolar, foi preparada pelos alunos a partir de cerca de vinte fotografias cedidas pela Casa do Povo e captadas pela lente da veterinária Sara Pinto. Durante esses dias, toda a comunidade educativa,

dos mais pequenos aos mais velhos, teve oportunidade de conhecer as principais características desta raça: excelente corredor, bom cão de caça, inteligente, incansável, resistente, dócil, companheiro e ainda um ótimo cão de guarda. O anfiteatro da escola recebeu três exemplares enérgicos do Podengo, acompanhados pelos respetivos donos. Após uma pequena apresentação, os alunos tiveram a oportunidade de acariciar e brincar com os cães, criando uma forte ligação à causa. ■



Lia Sousa
EBS/PE/C Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo)



SE ÉS ALUNO DO SECUNDÁRIO, PARTICIPA NA TUA ESCOLA

CONCURSO ESCOLAR
GRANDE IDEIA

n.º 2 dez 2025



Zubenel Gonçalves
EBS/PE/C D.ª LUCINDA ANDRADE
(SÃO VICENTE)

CONTO

A BATALHA DOS TRÊS REINOS

Naquele dia, depois de atravessar o deserto, finalmente chegava à entrada do Reino Preto. Eu, o Rei Laranja, atravessava o portão com a sensação de voltar para casa, mesmo sabendo que aquele não era o meu reino. O Rei Preto estava à minha espera na entrada do castelo. O seu reino era enorme, quase três vezes o tamanho do meu, e os seus soldados estavam sempre preparados, pois nunca

sabiam quando o Reino Vermelho atacaria.

— Estás atrasado — disse-me.

— A carroça demorou mais do que o previsto — respondi, tentando apenas esconder o facto que tinha me distraído nas horas.

Antes que terminássemos a conversa, um dos soldados chegou e disse:

— O Rei Vermelho está a aproximar-se e traz um exército consigo! Não sei se vão atacar ou se estão à espera que nós ataquemos primeiro.

Troquei um olhar com o Rei Preto. Não era novidade, às vezes avançávamos primeiro, outras éramos atacados. O Vermelho era o segundo maior reino, quase do mesmo tamanho do Preto, mas estávamos preparados.

— Vamos ver isso de perto — disse-me, pegando na espada.

— Sim, mas não comeses uma guerra sem motivo. — respondi, ajustando o escudo.

Descemos até às muralhas enquanto víamos o exército vermelho a aproximar-se cada vez mais. Enquanto os soldados Laranja subiam para o topo das muralhas para atacarem com o arco e flecha, os soldados Pretos formavam uma linha de batalha, para atacarem com as espadas.

O Vermelho avançou, atirando flechas, acertando escudos e obrigando alguns soldados a recuar. Nós avançamos juntos mantendo a linha firme. Eles tentaram cercar-nos pelos lados, mas nós conseguimos defender.

FOI ENTÃO QUE ALGO INESPERADO ACONTECEU.

Um grupo de arqueiros vermelhos, escondidos atrás de uma duna, levantou-se de repente e disparou diretamente contra nós.

Uma flecha passou a centímetros da minha cara, outra acertou um soldado ao meu lado.

Percebi de imediato que não era um ataque normal, estavam a tentar matar-nos.

— Abaixem-se! — gritei.

O Rei Preto puxou-me no instante em que uma flecha atingiu a muralha onde eu estava.

— Eles estavam à tua espera — disse ele. — Isto não é só uma provocação, ele quer dividir-nos.

O combate intensificou-se. Os Vermelhos tentaram cercar-nos e, por um momento, pareceu que íamos perder terreno. Mas organizámos a linha de defesa e atacámos de volta.

Depois de minutos que pareceram horas, o barulho diminuiu. O Rei Vermelho ergueu a mão e mandou recuar, desaparecendo no horizonte do deserto.

— Ele voltará — disse o Rei Preto, limpando a espada.

Assenti, olhando para o campo vazio. Não houve celebração, apenas a certeza de que aquele ataque tinha sido um aviso.

As muralhas dos nossos reinos permaneciam firmes, mas sabíamos que o próximo confronto podia ser bem maior.

■ **Catarina Ladeira**
EBS/PE da Calheta

SILÊNCIO E RUÍDO
FOTOGRAFIA



■ 'Pausas em Movimento', João Gabriel da Silva, EBS/PE/C Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo)

REPORTAGEM

PIEDADE
A RELIGIÃO E O PAGÃO
DE MÃOS DADAS

“Tem farol, praia de areia, igreja nova e Museu da Baleia”: este é o refrão de uma música muito conhecida no Caniçal, que descreve sabiamente os pontos fortes desta freguesia da ponta este da ilha da Madeira. No entanto, esta não faz referência à tão conhecida Festa da Piedade. Todos os anos, no final de setembro, o antigo porto baleeiro enche-se de cor, devoção e alegria para homenagear a padroeira dos pescadores.

A festa, que tem raízes profundas na religiosidade e identidade marítima do povo canicalense, começa dias antes com a preparação do arraial. As ruas são enfeitadas com bandeiras, luzes e arcos floridos. No ar sente-se o cheiro das espetadas e do peixe assado, enquanto as barracas se alinham junto ao porto, convidando locais e visitantes a celebrar em comunidade. O ponto alto das festividades é a procissão marítima, um momento de rara beleza e emoção. A imagem de Nossa Senhora da Piedade, primeiramente, no sábado, sai da Capela do Monte Gordo, embarca num dos barcos de pesca, ricamente decorado com flores e bandeiras. Acompanhada por dezenas de embarcações, a comitiva segue mar adentro, num cortejo de fé e gratidão, com o som das sirenes, em direção à igreja paroquial. No dia seguinte, a procissão faz-se no sentido inverso, com o regresso da imagem à sua casa do ano inteiro. O acenar dos lenços brancos marca o compasso da devoção. «É o momento em que sentimos mesmo que a Senhora está connosco, a proteger os pescadores e as nossas famílias», disse emocionado João Calaça, pescador há mais de quarenta anos.

Mas a Festa da Piedade tem também uma forte componente pagã, herdada das antigas tradições madeirenses ligadas às colheitas e ao mar. À noite, a fé dá lugar à folia: o arraial enche-se de música popular, bailaricos, vinho, espetada e poncha, onde a comunidade celebra até de madrugada. Este convívio, longe do altar, mas perto das pessoas, representa o lado humano da festa — uma homenagem à vida, à partilha e à alegria que sempre caracterizaram o Caniçal. «É a parte mais alegre, onde todos se juntam para celebrar a vida e a amizade», explicou Carlos Silva.

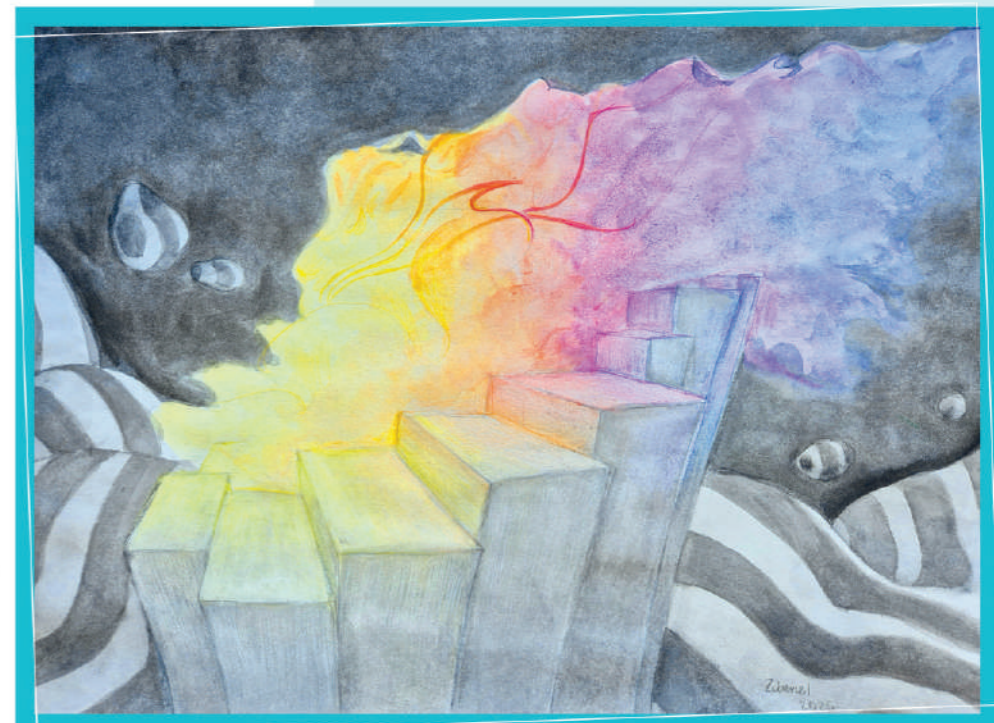
Entre o sagrado e o profano, a Festa de Nossa Senhora da Piedade simboliza o equilíbrio perfeito entre devoção e identidade cultural. É o momento em que o Caniçal reafirma o seu espírito: um povo que acredita, festeja e nunca esquece as suas raízes — à sombra do farol, junto à praia e sob o olhar protetor da sua padroeira.

■ **Tomás Sol**
EBS de Machico



ILUSTRAÇÃO

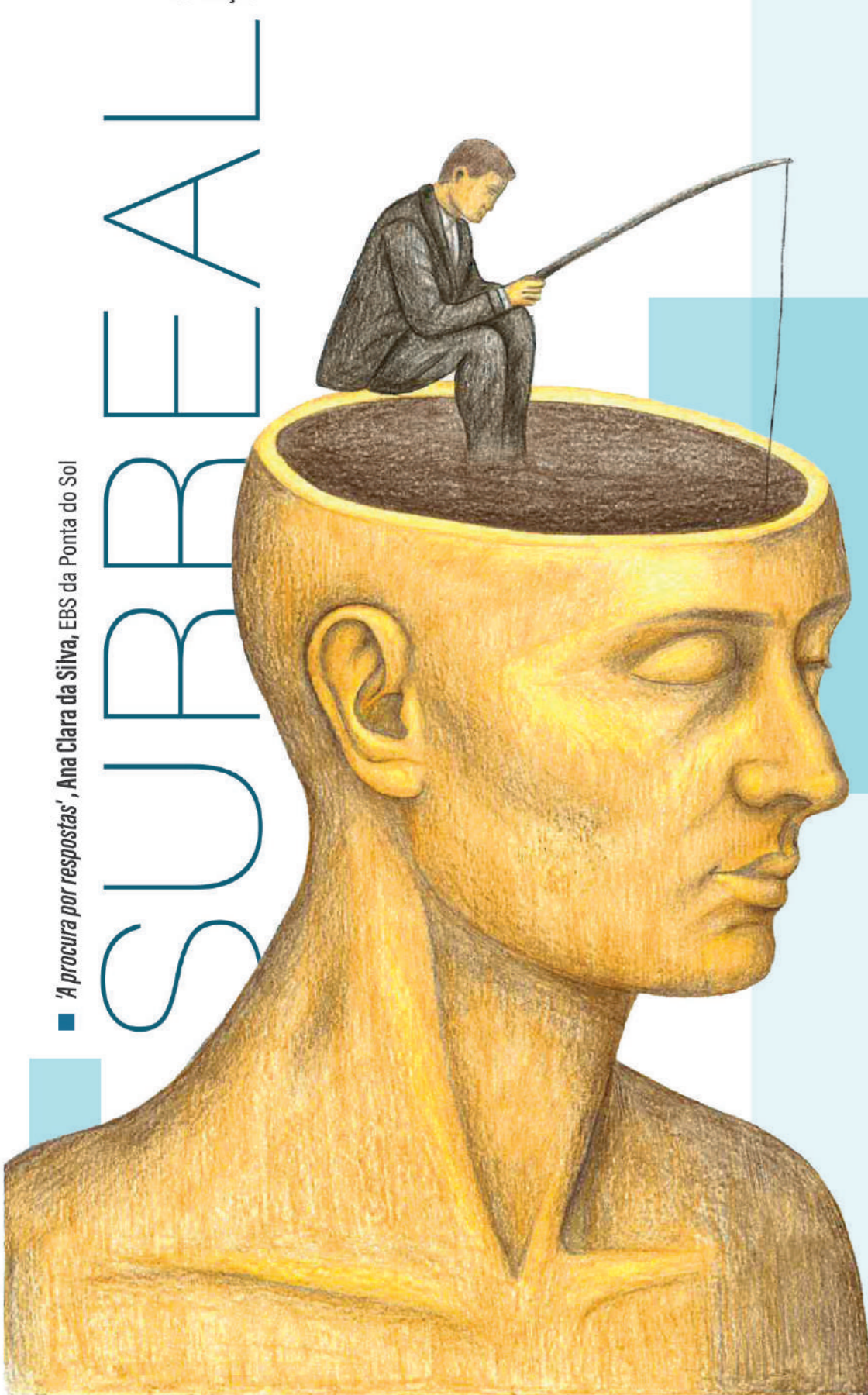
SURREAL



■ **Zubenel Gonçalves, EBS/PE/C D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)**

O CAMINHO
PARA O
ABSTRATO'

■ ILUSTRAÇÃO



■ 'A procura por respostas', Ana Clara da Silva, EBS da Ponta do Sol

■ INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA

AVÓ, CONTA-ME COMO FOI HÁ 50 ANOS!

Era uma noite fria de inverno. A chuva batia nas janelas e o vento assobiava. O neto, no colo da avó, sentia-se protegido pelo seu abraço quente.

O menino, curioso, pediu à avó que lhe contasse mais uma memória dos tempos antigos.

— Avó, conta-me uma história do antigamente.

— Ah, meu filho... quando eu era pequena, a vida era dura. Nasci em casa, filha de agricultores que faziam de tudo para escapar à fome. Andávamos descalços, só tomávamos banho ao sábado e íamos à cidade de ano a ano... Era uma Madeira que não conheces, uma ilha de miséria e escassez.

— Porque era assim?

— Porque vivíamos no Estado Novo. Salazar governava de Lisboa e nós, na Madeira, éramos tratados como uma simples colónia. "Liberdade" não existia, não podíamos criticar o governo nem dizer o que pensávamos. Muitos jovens, como o meu irmão, eram enviados para a inútil guerra do Ultramar. Outros emigravam para fugir à miséria e ao conflito, como o teu avô.

— Então não havia esperança?

— Havia a fé em Deus. Numa ilha em decadência, a Igreja era a única esperança restante, mas tudo mudou no dia 25 de abril de 1974. Lembro-me de ouvir no rádio que o governo tinha caído e, rapidamente, no 1.º de maio, fomos para a

rua celebrar. Foi como se a ilha respirasse pela primeira vez.

— E a autonomia, avó?

— Com a liberdade, o desejo e a luta pela autonomia renasceram. Contudo, para alcançá-la foi necessário passar por um período conturbado. Entre 1974 e 1976, houve instabilidade: greves, protestos, até ataques bombistas pela FLAMA. No entanto, a 25 de novembro de 1975, a maré acalmou.

Finalmente, no dia 2 de abril de 1976, a nova Constituição consagrou a autonomia da Madeira, administrada por um Governo e por uma Assembleia Regional. Pela primeira vez, fomos governados por madeirenses!

— Deve ter sido emocionante...

— Foi. Lembro-me como se fosse ontem, no dia 27 de junho de 1976, quando eu votei pela primeira vez. Como mulher, nunca pensei viver

esse momento! O PSD venceu, com Omelas Camacho como primeiro presidente do Governo Regional, devido ao apoio do nosso bispo D. Francisco Santana.

Depois veio Alberto João Jardim, que transformou a ilha. Construíram-se estradas, trouxeram eletricidade, abriram-se escolas e até um novo hospital. A fome ficou para trás e a Madeira cresceu sem parar.

— Então a autonomia mudou mesmo tudo.

— Mudou sim. Hoje temos uma Madeira mais livre, moderna e com melhores condições de vida.

— E achas que as pessoas valorizam essa liberdade?

— Algumas sim, outras esquecem. A vida agora é mais fácil e, apesar de haver mais liberdade, as pessoas não sabem aproveitá-la. A liberdade conquistada nunca deve ser tomada como garantida. É preciso lembrar o quanto custou e como mudou as nossas vidas.

— Obrigado, avó. Gosto tanto de te ouvir!

— Fico feliz, meu filho, porque, enquanto tu escutares, a memória da nossa luta jamais se apagará.

*Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série, n.º 1, 2019
Diário pessoal da minha Avó*

■ **Tomás Gouveia**
ES de Francisco Franco (Funchal)



● Matança do porco, início dos anos 50, Achada de Gaula

■ POESIA

**O tempo corre nas veias,
não se prende em mão fechada,
faz das pedras madrugadas,
faz dos sonhos duras teias.**

**No relógio não há trégua,
cada som é despedida,
cada hora que se entrega
é um adeus à própria vida.**

**Mas talvez na sua pressa
haja um pacto escondido:
não nos rouba o que interessa,
dá sentido ao percorrido.**

**Se o instante é chama breve,
que devora e logo some,
queimar nele é tudo o que deve
quem procura o próprio nome.**

■ **Fátima Côrte**
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)



FOTOGRAFIA SILÊNCIO E RUÍDO ■ 'Entre o sussurro e o estrondo', Laura Jesus, EBS de Santa Cruz



POESIA

ENTRE ESCOLHAS

Não sei se sigo pelo corpo ou pela lei,
se cuido de vidas ou defendo quem sei.
A medicina chama com voz serena,
cada batida, cada alma, plena.

chama com voz acolhedora,
cura feridas, conforta e melhora.
Cada gesto desperta sentido e valor,
cada vida tocada renova o fervor.

A advocacia surge em debate aguerrido,
onde o argumento ergue o oprimido.
No peso das leis, no verbo que atinge,
vejo a força que luta e nunca finge

E a política, que pulsa com multidão,
move ideias, desperta a nação.
Nela sinto a vibração do querer,
o poder de unir quem precisa crescer.

A medicina ensina a sentir e cuidar,
a advocacia, a erguer-me e argumentar,
e na política encontro o desejo profundo,
de transformar, passo a passo, o mundo.

Entre salas brancas e tribunais cheios,
entre sonhos, projetos e tantos anseios,
percebo que o caminho é largo e aberto,
e que cada escolha me leva mais perto.

Talvez o destino não seja isolado,
mas um trilha plural, unido e traçado,
onde posso curar, proteger, orientar,
e em cada escolha aprender a somar.

Enquanto reflito, o vento murmura,
traz dúvida e força, mistura e procura.
Recorda-me que o futuro se ergue no chão,
de cada coragem que nasce da mão.

E assim avanço, sem medo da estrada,
sabendo que a vida é sempre renovada.
Entre a lei que defende e o toque que ampara,
entre a voz que discursa e a ação que declara.

Levo comigo a vontade de amar,
e lutar e servir, de seguir e sonhar.
Seja qual for o rumo que o tempo moldar,
sei que a minha paixão não irá cessar.

Entre medicina, debate e visão popular,
carrego a força de sempre tentar.
Porque cada passo que eu ousar dar,
é um pedaço do mundo que posso mudar.

E mesmo que os caminhos se bifurquem e se distanciem,
sei que a paixão pelas ideias nunca se ausentam.
Entre cuidar, lei e política a pulsar,
encontro forças para continuar a lutar.

■ Mateus Gouveia
Escola da APEL (Funchal)

■ Maria Clara Lopes, EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)

'ECOS DE PERFEIÇÃO'

ILUSTRAÇÃO SURREAL



REPORTAGEM

NÓMADAS DIGITAIS NA MADEIRA

«A Madeira é um local maravilhoso para viver! Se nós vivemos cá e trabalhamos remotamente, porque é que os locais não podem fazer o mesmo?»

Palavras do representante da Madeira Friends numa palestra dinamizada na ES de Jaime Moniz sobre o futuro do trabalho remoto e o estilo de vida dos nómadas digitais na Madeira. Nos últimos anos, sobretudo após a pandemia, a Madeira tornou-se um dos destinos mais procurados por nómadas digitais, profissionais que trabalham *online* e que trocam rotinas fixas por estilos de vida mais flexíveis. Fatores como clima ameno, paisagens naturais exuberantes e boa infraestrutura tecnológica têm sido determinantes para este fenómeno.

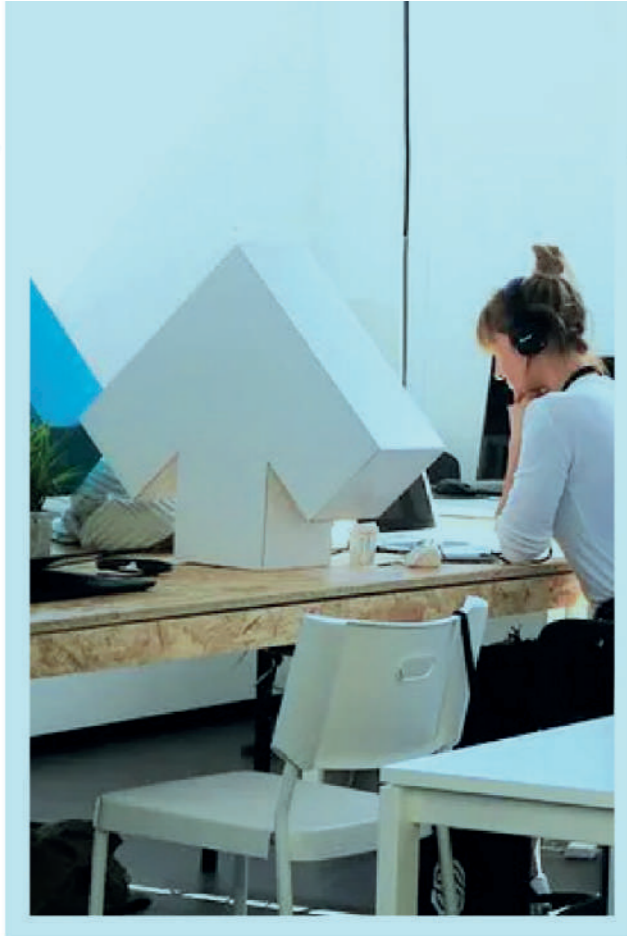
O projeto Digital Nomads Madeira, criado para acolher trabalhadores remotos e criar a primeira 'aldeia digital' na Europa, foi apoiado pelo Governo Regional e ajudou a impulsionar esta tendência ao disponibilizar espaços de

coworking, eventos comunitários e uma rede de apoio para quem chega. Em localidades como a Ponta do Sol, Paúl do Mar ou o Funchal, é cada vez mais comum ouvir conversas em várias línguas, ver computadores abertos nas esplanadas e encontrar grupos de profissionais a trocar ideias sobre tecnologia, *design*, marketing ou empreendedorismo.

A Madeira Friends faz parte desse movimento, é uma comunidade internacional de nómadas digitais, que acredita numa Madeira para todos, onde locais e estrangeiros têm acesso às mesmas oportunidades, trabalham juntos, fazem o bem e se valorizam mutuamente, mostrando a integração desses nómadas na nossa sociedade. Para muitos dos recém-chegados, a Madeira oferece 'o equilíbrio perfeito' entre produtividade e qualidade de vida. A proximidade ao mar, os trilhos pela natureza e a segurança da ilha contribuem para um ambiente onde trabalhar à distância se torna mais leve. Ao mesmo tempo, os residentes madeirenses têm assistido a uma revitalização local, com novos negócios a surgir para acompanhar a procura crescente. Apesar dos benefícios, também existem desafios. O aumento do custo da habitação em algumas zonas é um dos temas abordados. Os madeirenses pedem políticas equilibradas para garantir que a convivência entre visitantes e residentes seja sustentável a longo prazo.

Ainda assim, a dinâmica criada pelos nómadas digitais parece ter vindo para ficar. **A Madeira consolida-se como um laboratório vivo de novas formas de trabalhar e conviver, posicionando-se no mapa global como uma das capitais do trabalho remoto.**

■ Tiago Mendonça
ES de Jaime Moniz (Funchal)



POESIA

FUGAZ, O TEMPO

Oíço muito — contudo tão pouco,
sobre o que dizem ser viver.
Oíço das flores efémeras que hei de ver,
mas, se penso por mim, torno-me mouco.

Visões naturais, profundas, intimistas
Ou estoicas, de lições enunciadas
por ingénuos, julgando-se idealistas.
Pessoas que se moldam, caladas.

Recuso ecos alheios com cortesia, busco harmonia,
pois a mim a vida significa mais do que uma simples alegoria.

■ Mariana Correia
EBS/PE/C Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

FOTOGRAFIA SILÊNCIO E RUÍDO ■ 'Ruído do desenvolvimento', Joice Silva, EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas — Carmo (Câmara de Lobos)



LINHAS DE TRADIÇÃO BORDADA NO TEMPO

Em novembro de 1921, o Funchal acordou envolto numa luz pálida, filtrada pela neblina que descia das serras. Maria Leonor, avó da futura Catarina, ajeitava com cuidado a capa negra que lhe tinham emprestado. Era uma das primeiras raparigas a estudar no Liceu do Funchal e, naquele ano, participaria numa tradição que começava a ganhar forma: A Bênção das Capas, realizada para assinalar o fim dos estudos liceais.

Portugal vivia tempos conturbados. A Primeira República agitava o país com mudanças sucessivas de governo, greves, discursos sobre educação e igualdade. Na Madeira, o liceu refletia esse espírito de renovação: portas que, até poucos anos antes, eram destinadas apenas a rapazes, começavam a abrir-se lentamente a alunas determinadas como Maria Leonor. Ao chegar ao liceu, a jovem sentiu os colegas olharem-na com curiosidade, alguns com admiração, outros com surpresa por ver uma rapariga integrar uma cerimónia que até então pertencia ao universo masculino. Mas o professor de História, um defensor fervoroso da educação feminina, cumprimentou-a com um sorriso seguro:

— **HOJE, SENHORA LEONOR, FAZ PARTE DA HISTÓRIA. NÃO SE ESQUEÇA DISSO.**

O cortejo seguiu pelas ruas estreitas até à Igreja da Sé. A população madeirense assistia com orgulho, pois a ilha via na educação um caminho para superar as dificuldades económicas e sociais da época. Dentro da igreja, o pároco ergueu a mão sobre as capas e falou da responsabilidade dos estudantes perante o futuro da Madeira e do país. Para Maria Leonor, as palavras soaram como uma promessa: o estudo era mais do que um privilégio, era um compromisso. Após a cerimónia, já no adro da igreja, tiraram-se fotografias que, durante décadas, permaneceram guardadas numa caixa de madeira na velha casa da família. Nessas imagens, Maria Leonor surgia séria, mas com um brilho de determinação no olhar.

Quase um século mais tarde, em 2025, a sua neta Catarina encontraria essas fotografias ao preparar-se para a sua própria Bênção das Capas. Reconheceu a capa negra, os rostos jovens e a igreja ao fundo. E sentiu-se unida à avó por uma linha invisível de tradição e coragem. Diante do espelho, enquanto ajustava o laço azul, lembrou-se da história que tantas vezes ouvira:

— A tua avó foi das primeiras raparigas a usar capa no liceu. Caminhas hoje onde ela caminhou. Com o coração apertado de emoção, Catarina percebeu que não participava apenas numa cerimónia académica, mas numa herança familiar e histórica que resistira ao tempo, unindo passado e presente numa mesma celebração de identidade e valores.

Webgrafia

https://www.dn.pt/ticias.pt/2023/11/23/384167-chegou-a-epoca-dos-setimanistas-na-madeira-conheca-a-origem-desta-tradicao/?utm_source=chalgpt.com
<https://www.dn.pt/ticias.pt/2025/11/14/470474-90-finalistas-da-escola-goncalves-zarco-celebram-tradicao-da-bencao-das-capas/>
<https://www.dn.pt/ticias.pt/2023/11/29/384856-setimanistas-do-liceu-do-ano-da-revolucao-assinalam-amanha-50-anos-das-suas-capas/>
<https://tenxdoatlantico.blogspot.com/2016/11/quarta-feira-ha-bencao-das-capas.html>

■ **Catarina Ferreira**
EBS Gonçalves Zarco (Funchal)

CONTO

AS ONDAS QUE TROUXERAM MENSAGENS

Todas as noites, o mar falava com Aurora. Não por palavras, mas por sinais, sons e brilhos. O bater das ondas nas pedras, a maré a subir, o marulho da onda ao se desfazer, a maresia a bater-lhe no rosto. Ultimamente verificava que o mar perdia a vivacidade. Junto com as ondas vinham pedaços de lixo, a costa estava cheia de plásticos e objetos gastos que não pertenciam ali. A areia estava suja, o mar cansado e a praia triste, até as gaivotas voavam mais baixo, como se comungassem a mesma agonia. Na manhã seguinte, como habitual, Aurora foi observar o mar, e avistou uma garrafa presa nas rochas, revestida por algas e sal. No seu interior, via-se uma folha manchada e quase ilegível. Abriu-a com precaução, e leu:

**Se o mar está cinzento,
é porque se esqueceu de ti.**

Aurora ficou estática. O coração batia tão forte quanto as ondas batiam na costa. Quem teria escrito tal coisa? Nos dias seguintes, continuaram a aparecer mais mensagens engarrafadas:

**As ondas sussurram o que não podemos
dizer. O que tu acabas por esquecer, o mar
lembra-se para todo o sempre.**

Numa madrugada, sonhou que o mar se abria e ela ficou angustiada. Via uma ilha submersa, casas cobertas com corais, ruas onde nadavam peixes e jardins transformados em cemitérios de plástico. Acordou desesperada, o coração a bater ao mesmo ritmo com que as ondas batiam nas rochas.

Na manhã seguinte voltou à praia com a última garrafa que encontrara. Pretendia devolvê-la vazia. Mas, quando olhou para o seu interior, viu-se a si própria, com o rosto mais velho, o cabelo esbranquiçado e olhos gastos de quem vira demasiada destruição em muitos anos de vida. Perplexa, ouviu uma voz profunda: sim, é o teu

reflexo futuro; serás assim quando o mar já não cantar. Guarda-me antes que eu te esqueça. O céu fechou-se. O vento soprou. Aurora lançou a garrafa ao mar e viu-se a ser engolida pela espuma. As ondas cresceram, furiosas, e rapidamente tudo se tornou luz e som. Quando deu por si, o mar à sua volta era transparente e vivo, feito memórias bonitas. Pairavam sombras e sorrisos, as gaivotas voavam lá no alto e os peixes brilhavam como um conjunto de estrelas. O mar murmurou-lhe novamente: Lembra-te, Aurora. Guarda e cuida como ainda sou. Aurora percebera agora que o mar não morria, o mar esquecia-se. Esquecia-se de quem era, porque os humanos enchiam-lhe a memória de lixo e ruído. Aurora acordou sobressaltada na praia e correu para a vila. Ninguém acreditou em nada do que contava. Disseram que deveria ter sonhado ou estava a alucinar, mas a partir desse dia, Aurora começou a ir todos os dias à praia recolher tudo o que o mar rejeitava. Ao cabo de longos dias escreveu uma carta, colocou-a numa garrafa, fechou-a com uma rolha de cortiça e lançou-a às ondas:

**PARA A GERAÇÃO
QUE ESTÁ POR VIR:
O MAR TEM MEMÓRIA.
CUIDA DELE, E ELE
CUIDARÁ DE TI.**

Ao debruçar-se sobre as ondas para lançar a garrafa, jurou ver o seu jovem reflexo nas águas. O mar, pela primeira vez em muito tempo, voltara a ser **AZUL**.

■ **Carolina Cristo**
EBS/PE/C do Porto Moniz

KA (ALSO KNOWN AS) D. JOÃO I

mal afinada para conquistar um coração. Hoje, pelo que ouvi, há um tal de "Tinder", onde se escolhe o par como quem escolhe cavalos na feira. Antigamente pedíamos a bênção do pai da donzela; agora pedem o "like" da donzela, e, se possível, o "follow".

► **Ent: Verdade! E se pudesse voltar a reinar, qual seria o seu primeiro decreto?**

MA: Ordenaria que cada súdito tivesse um escudeiro pessoal, ou, pelo menos, um aplicativo que o lembre de beber água e descansar dos ecrãs.

A saúde do povo é o verdadeiro tesouro do reino!

► **E o que diria aos jovens de hoje, que tantas vezes se sentem perdidos?**

MA: Diria para que não desistissem dos seus ideais. Um reino ergue-se com coragem, humor e perseverança e um bom café, que hoje parece substituir o vinho das madrugadas longas. A juventude é o fogo que mantém o futuro aceso. Só peço que usem esse fogo com sabedoria, e não para incendiar comentários nas redes.

Ent (rindo): Um sábio conselho, Mestre de Avis.

MA: Pois sim! Agora, se me dão licença... onde está o meu cavalo elétrico? Dizem que funciona a bateria, mas até agora só encontrei o rato.

► **E talvez criasse uma lei obrigando cada cidadão a aprender história, para não repetir as asneiras do passado, embora, pelo que vejo, isso já seria uma revolução.**

Ent: Excelente ideia, Majestade.

▼ **Francisco Rodrigo**
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)

JARDINEIRO DE GIRASSÓIS

▼ **Pedro Gouveia**
EBS de Machico



Desde 1981, todos anseiam por um dos momentos mais peculiares: os cânticos de Natal entoados na escadaria. Mais do que música, são momentos mágicos de encontro, de sorrisos e de partilha, onde vozes unidas criam memórias que guardamos para sempre.

Por tudo isto, a Noite do Mercado é muito mais do que uma noite. É um retrato vivo da identidade madeirense, onde gerações se cruzam e as tradições continuam a resistir ao passar do tempo e a conservar o mesmo brilho de sempre. Talvez por isso seja o cenário perfeito para combinarmos um encontro e vivermos juntos essa noite tão especial. ■

**Encontramo-nos
no Mercado?**

▼ **Nina Alencastre**
ES de Jaime Moniz
(Funchal)



Por detrás das portas

O espetáculo realizado no Centro Cultural John Dos Passos, 'Nem Mais Um Minuto de Silêncio', da associação ONE, no âmbito do 30.º aniversário da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), expôs a temática da violência doméstica e da violência no namoro. Através da dança interpretativa e músicas comoventes, transmite-se uma forte mensagem sobre quanto sorrateira a violência chega num relacionamento. O espetáculo conta uma história entre um casal que regressa de um paraíso amoroso para um inferno isolado, até chegar a consequências devastadoras. Os atores conseguem, quase sem palavras, demonstrar exatamente como é possível entrarmos num relacionamento abusivo sem darmos por isso. A manipulação, os comentários maldosos, a humilhação, desfazem a autoestima e é aí que a violência começa.

O espetáculo acaba de forma trágica, infelizmente, refletindo diretamente sobre a vida real com situações difíceis de gerir. Quem está por dentro sente-se isolado e receoso e quem está por fora, muitas vezes, não sabe o que fazer além de observar. É importante continuar a fazer espetáculos como este, mesmo que sejam difíceis de assistir.

Assim, podemos consciencializar as pessoas, especialmente os mais jovens, para os sinais discretos de perigo, antes que seja tarde demais. ■

▼
Ana Gomes
EBS da Ponta do Sol



GEOLOGIA in loco

No dia 17 de novembro, as turmas de Biologia e Geologia e o Curso Profissional de Turismo Ambiental e Rural, realizaram uma visita de estudo à Ilha do Porto Santo, com o objetivo de explorar e compreender o património geológico do Porto Santo.

O dia amanheceu solenemente e, logo de manhã, deu-se a concentração dos alunos no porto do Funchal, local de embarque para o Lobo Marinho. Ao chegar à ilha dourada, os alunos foram muito bem recebidos pela guia Sofia Santos e começaram, entusiasticamente, o roteiro pela ilha, percorrendo vários pontos geológicos, como a Fonte de Areia, onde foi possível visualizar a alternância de camadas arenosas amareladas com níveis argilosos, que conferem um tom acastanhado; o Pico de Ana Ferreira, cujo nome provém da filha bastarda do D. João II que, segundo a lenda, foi enviada aquela ilha, para este pico pastorear gado, pico que ostenta colunas em forma de prisma, resultado do arrefecimento da lava, simultaneamente a tensões de contração. A existência destes sítios permite que a ilha seja considerada um santuário, devido à sua diversidade geológica.

▼
Laura Luís
EBS/PE/C Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)

De facto, a formação da Ilha do Porto Santo, data de há cerca de 14 milhões de anos, a partir de erupções vulcânicas submarinas e a História da descoberta, a 1 de novembro de 1418, por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, antecedeu a da própria Madeira, no ano seguinte.

O périplo permitiu ver rochas existentes nas estruturas geológicas: as sedimentares biogénicas, por exemplo, o calcário conquífero, que é uma rocha constituída por restos de seres vivos, as areias calcárias, as magníficas “pillow lavas”, isto é, lavas em forma de almofada, formadas em ambiente subaquático como resultado das escoavas de lava basálticas e fósseis como as conchas. Na Calheta, onde pudemos conhecer o fim da extensão de 9 km da praia dourada da ilha, foram vistas outras formações rochosas.

De tarde, os alunos puderam usufruir, de forma responsável, de atividades livres, como ir à praia, dar um mergulho e passear pela vila. Depois, embarcaram, de novo, no Lobo Marinho, de regresso à Ilha mãe. Durante a viagem, por meio de um “kahoot” (jogo), todos foram postos à prova sobre os principais aspetos do roteiro geológico.

Naturalmente, o dia foi considerado único e inesquecível, pois a oportunidade de fazer uma atividade diferente e fora da escola, alargar novos horizontes, permite que o balanço possa ser muito positivo. ■

PONTO DE VISTA

O PÂNICO DO AMANHÃ

Para muitos adolescentes, a escolha de ir para uma universidade longe de casa é uma grande decisão. Enfrentam a pressão das notas altas para garantir um lugar na faculdade que querem e ainda têm de deixar a família e os amigos.

A ideia de partir e viver longe provoca ansiedade, mas também oferece mais oportunidades, seja para uma carreira futura ou, simplesmente, para conhecer novos lugares, hábitos e pessoas. Deixar o conforto significa lidar com a saudade, a possível solidão e com uma adaptação universitária sem o apoio constante dos que nos são mais próximos.

A esperança de conseguir um futuro melhor faz com que vários sofram para conseguir corresponder às expectativas pessoais, familiares e sociais, onde a combinação da pressão académica com a pressão emocional torna tudo mais assustador.

Muitos jovens focam-se na escola e esforçam-se tanto que deixam de lado a vida social e as suas necessidades básicas, como descansar, o que pode vir afetar a saúde mental e o bem-estar. Mesmo sendo um período difícil, a maioria consegue superar essa transição. O receio do amanhã é normal, mas não pode ser um obstáculo e devemos enfrentá-lo com coragem e determinação. ■

▼
Ana Catarina Barreto
ES de Jaime Moniz (Funchal)

PONTO DE VISTA

QUANDO O folclore SE TORNA PARTE DE NÓS

Entrei no folclore por iniciativa própria, movida por uma curiosidade que cresceu comigo. O meu irmão já tinha passado pelo grupo e, desde pequena, eu assistia às suas atuações com um encanto difícil de explicar. Havia algo na música, nos trajes e na energia dos bastidores que sempre me atraíu. Um dia percebi que já não queria apenas observar, queria viver aquilo. Quando dei o passo, os ensaios tornaram-se a parte mais luminosa da minha semana.

Ser bailarina num grupo de folclore é muito mais do que aprender coreografias. É uma experiência quase ritualista que começa no traje. Vestir cada peça faz-nos sentir a responsabilidade de representar histórias antigas que continuam através de nós. Subir ao palco é carregar tradição e celebrar uma herança cultural que nos liga às raízes. Mas o folclore trouxe-me também saúde e equilíbrio. Ajudou-me a combater o sedentarismo típico da rotina entre escola e tecnologia.

Nos ensaios, o corpo aprende, cansa-se e supera-se. Cada baile é foco e coordenação, cada volta é um desafio, cada atuação melhora o meu bem-estar. A mente também ganha: dançar exige atenção, memória e concentração. Estes aspetos começaram a ajudar-me noutras

áreas. Tornei-me mais organizada, confiante e resiliente. **Errar em palco ensinou-me que falhar faz parte e recomeçar faz-nos crescer.**

O grupo tornou-se quase uma segunda família. A entreajuda, os risos, as conversas antes das atuações e o apoio constante ensinaram-me responsabilidade, espírito de equipa e respeito pelas diferenças, competências que levarei para o futuro. Se me perguntarem sobre o que mais gosto, direi que é a mistura entre movimento, tradição e pessoas. Sinto que faço parte de algo que me ultrapassa, mas que também me constrói. E aconselho qualquer pessoa a experimentar: o folclore não é apenas dança.

É cultura viva, identidade e crescimento. Uma forma bonita de descobrir quem somos enquanto celebramos o que fomos. ■

▼
Maria Francisca Sousa
EBS de Santa Cruz



Imagem: <https://postaisdamadeira.wordpress.com/category/trajes/>

PONTO DE VISTA

A LIBERDADE DE EXPRESSÃO UM DIREITO INDISPENSÁVEL

A liberdade de expressão é um direito fundamental para a sociedade, sem ela somos meros seres subordinados a algo ou alguém. De forma realista, acho que nestes tempos fomos normalizando a intolerância às ideias diferentes das nossas, criando rivalidades. Talvez não se tenha aprendido muita coisa com as guerras mundiais e a guerra fria, exemplos evidentes de como a falta de liberdade de expressão afetou diretamente as vidas das pessoas e prova que esse direito não está assim tão garantido como pensamos.

Muitas vezes, questionamos o valor da liberdade de expressão, será apenas ter a liberdade de dizer o que o pensamos? Ou é algo mais profundo que isso? Ora, a liberdade de expressão é o que nos permite ter uma democracia, tal como a conhecemos. É preciso haver pontos de vista para que, por exemplo, numa assembleia se chegue a um consenso moderado. Um bom democrata, sendo de esquerda ou direita, é capaz de entender que é necessário haver pessoas com ideologias opostas às suas, em outros termos, adversários, para que se consiga pôr em prática a democracia, porque afinal, se nos é proibido discordar, só nos resta

concordar e sermos limitados a concordar não é de todo uma prática democrática. Além disso, vejo que o que é esquecido é que além do direito de falar, existe o direito de ser ouvido. Recordo-me do quão difícil é debater, vêm-me à memória as recordações de experiências negativas, quando sempre que era preciso debater sobre algum assunto, mal começava a expor a minha ideia, os meus colegas, que não concordavam com a mesma, ao invés de contra-argumentar, começavam a insultar-me. Isto faz-me refletir sobre a crescente intolerância à diferença, além deste comportamento ser comum aos jovens, que ainda estão a aprender a ser bons cidadãos, é muito comum nos debates políticos, em que é claro o *bullying* entre adversários, fazendo com que estes debates não cumpram o seu principal objetivo, que é entender as propostas dos intervenientes, mas se tornem autênticos palcos para o insulto e ataque pessoal.

Para concluir, foi preciso derramar muito sangue para adquirirmos este direito tão valioso que é a liberdade de expressão, e se não o continuarmos a

relembrar ao mundo, principalmente às gerações mais novas, onde se inclui a minha, podemos regredir aos tempos antigos, como o Estado Novo, em que não éramos livres de expressar o que pensávamos.

Uma sociedade que cala vozes, perde a sua própria. ■

▼
Joice Silva
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva
Dantas - Carmo (Câmara de Lobos)

APANHA
a FAKE

PONTO DE VISTA

SOCIEDADE

UMA MÁQUINA IMPERTURBÁVEL DE MUDANÇA

FALSO

Os telemóveis modernos têm sistemas que impedem a bateria de sobrecarregar. Quando chega aos 100%, o carregamento pára automaticamente. Ou seja, o teu telemóvel não vai "morrer mais cedo" só porque o deixas a carregar pela noite fora.

O QUE É REALMENTE VERDADE?

O que ocasiona o desgaste da bateria com o passar do tempo é o uso habitual, os ciclos de carga e temperaturas elevadas. Se jogares por muitas horas seguidas enquanto o aparelho está carregando, aí sim, o dispositivo pode aquecer demasiado e acabar por se estragar mais rapidamente.

DICA DO DIA

Antes de confiares em "truques secretos" para prolongar a vida útil da bateria, verifica em fontes confiáveis, como o site oficial do fabricante. Muitos vídeos que estão online procuram apenas visualizações, e não resolvem verdadeiramente o problema.

Afonso Serrão
EBS/PE da Calheta

SEGUE-NOS!



@PVnaESCOLA



A sociedade é um elemento fundamental da nossa existência, pois é aquilo em que nos fundamentamos ao experienciar a vida. Mas o que será verdadeiramente a sociedade: uma comunidade de pessoas diversas ou uma instituição que transforma os indivíduos igualmente? Na minha opinião, é a sociedade que faz o indivíduo, e não o contrário.

Em primeiro lugar, as pessoas moldam-se tendo em conta o ambiente onde cresceram. Quando nos estamos a desenvolver, apesar de também ganharmos gostos próprios, ao sermos sujeitos às opiniões definidas pela sociedade que nos rodeia, acabamos por nos tornar cidadãos que seguem essas mesmas ideias. Isto acontece porque temos normalmente tão pouco conhecimento de outras formas de pensar, nessa altura, que acreditamos que aquela a que somos expostos é a

mais correta. Consequentemente, por exemplo, não é um exagero afirmar que todos os coreanos respeitam rigorosamente os mais velhos, ou que qualquer francês se interessa por cultura.

Em segundo lugar, as sociedades suportam-se frequentemente em valores fixos, que alteram apenas entre cada uma. Apesar de por vezes ocorrerem mudanças mínimas quando se dá algum acontecimento drástico, elas usam normalmente um conjunto de crenças-base para se conseguir gerir. Desta forma, nem a junção de pessoas, como imigrantes, com pensamentos diferentes, nem a alteração das opiniões dos próprios cidadãos trazem mudanças significativas para os fundamentos de uma sociedade. Como exemplo, apesar de Portugal estar a experienciar um fluxo de entrada cada vez maior de muçulmanos, continua a se organizar pelos princípios cristãos que adotou há muito tempo.

Em suma, sendo a sociedade um elemento importantíssimo na forma como vivemos, é, na minha perspectiva, claro que o seu papel sobre os indivíduos é maior do que o impacto dos indivíduos sobre ela, não só pela sua natureza inabalável, mas também pelas influências fortes que tem nos cidadãos. ■

Maria Leonor Câmara
ES de Francisco Franco (Funchal)

novembro PRÉMIO MAIS CRIATIVIDADE

A vencedora do prémio '+Criatividade' de novembro foi a Sara Inácio, da EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva. No seu artigo 'Escola, a fábrica dos cansados', Sara partilha de forma sincera o que sente enquanto estudante e lança um alerta à comunidade educativa sobre o impacto do ritmo escolar no bem-estar dos jovens.

A seleção do trabalho vencedor ficou a cargo do Gabinete da Secretária Regional de Educação. Para além desta distinção que lhe garantiu um voucher de 40 euros, com o apoio do Plaza Madeira, a Sara teve a oportunidade de apresentar o seu testemunho no 3.º Encontro Regional de Inovação Pedagógica, na Escola da APEL, a convite da Secretária Regional de Educação, Ciência e Tecnologia, Elsa Fernandes.

NO PRÓXIMO MÊS, O PRÉMIO
PODE SER TEU! PARTICIPA! ■

